

Mariene de Castro
lança novo álbum
no Circo Voador

PÁGINA 3



Alan Rocha é
destaque nas
telas e nos palcos

PÁGINAS 10 E 11



Conheça os bares
criados por chefs
de cozinha

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Leo Aversa/Divulgação

Áurea Martins, André Gabeh e Vidal Assis resgatam em show legado do histórico 'Gente da Antiga', álbum lançado por Clementina de Jesus, Pixinguinha e João da Baiana em 1968

Por Affonso Nunes

Áurea Martins, André Gabeh e Vidal Assis apresentam neste sábado (1) "Gente Nova da Antiga", espetáculo inspirado no disco histórico "Gente da Antiga" (1968), de Clementina, Pixinguinha e João da Baiana. Com arranjos camerísticos e inéditos que ressaltam a beleza e atemporalidade das músicas de caráter afro-brasileiro que compõem o repertório do disco, o show homenageia o trio que, em suas respectivas carreiras, foi responsável por recuperar a memória da conexão africana na música popular.

À época da gravação, Clementina tinha 65 anos, Pixinguinha 70 e João da Baiana 82, todos em pleno vigor criativo. O trio transitava com muita naturalidade entre a juventude de seu tempo e foram responsáveis pela transmissão de sua ancestralidade às gerações mais novas. "Gente Nova da Antiga" habita este lugar de afeto no encontro de uma das últimas matriarcas da música negra em atividade, Áurea Martins, de 82 anos, com dois dos melhores cantores negros da nova geração, Vidal Assis e André Gabeh.

"Eu tenho especial amor e respeito por essa arte assim pensada, que o tempo tratou de cristalizar. Acho que a velhice não apaga o essencial; pelo contrário, dá a coloratura exata e até dimensiona o verdadeiro artista", sintetiza Hermínio Bello de Carvalho, produtor



Vidal Assis, Áurea Martins e André Gabeh revivem o clima de um dos álbuns de samba mais festejados da MPB

ESSA GENTE (NOVA) DA ANTIGA

musical do disco.

No repertório, as faixas "Yaô" (Pixinguinha e Gastão Viana), "Roxá" (domínio público), "Mironga de Moça Branca" (domínio público), "Batuque na Cozinha" (João da Baiana), "Que Querê" (João da Baiana, Donga e Pixinguinha) e "Fala Baixinho" (Pi-

xinguinha e Hermínio Bello de Carvalho) se unem a canções que não estão no disco, mas que se conectam a elas, como "São Pixinguinha" (Emicida), "Coisa da Antiga" (Nei Lopes e Wilson Moreira), "Moro na Roça" (José Passos e Arnaldo Passos), "Ilú Ayê" (Norival Reis e Cabana), tecendo pontes entre ances-

tralidade e contemporaneidade. Dirigido por Renata Grecco, o show tem banda formada pelos músicos Marcos Suzano (percussão e pandeiro), Mário Séve (sax e flautas) e Lui Coimbra (violoncelo, violão e rabeça) - este também diretor musical e arranjador.

Continua na página seguinte

Um álbum que resgatou a tradição do samba



João da Baiana, Pixinguinha, Donga e Clementina de Jesus em registro histórico

O histórico disco “Gente da Antiga” – gravado por Clementina de Jesus, Pixinguinha e João da Baiana quando os três já passavam dos sessenta e muitos anos - foi lançado em um período de grande efervescência cultural no Brasil, marcado pela ditadura militar e pela eclosão de movimentos como a Tropicália. Nesse contexto, “Gente da Antiga” representou um resgate da tradição do samba e uma exaltação da cultura popular. E como o samba é música de resistência, o disco deixou ensinamentos valiosos para a juventude naqueles anos de chumbo.

Lançado pela extinta gravadora Odeon, o álbum é composto por 12 faixas, todas de autoria de Pixinguinha, com exceção de “Roxá” e “A Tua Sina”, que são de domínio público. Este repertório do álbum é uma celebração da obra de Pixinguinha, um dos maiores compositores de samba de todos os tempos.

O álbum apresenta clássicos como “Os Oito Batutas”, “Yô”, “Roxá”, “A Tua Sina”, “Elizeth no Chorinho”, “Que que re que que”, “Mironga de Moça Branca”, “Cabide de Molambo”, “Batuque na Cozinha”, “Ai Seu Pinguça”, “Fala Baixinho” e “Estácio, Mangueira”.

A interpretação das músicas ficou a cargo de Clementina de Jesus e João da Baiana, dois grandes nomes do samba. Clementina, com sua voz potente e marcante, e João, com seu estilo irreverente e cheio de ginga, deram vida às composições de Pixinguinha com maestria.

Clementina de Jesus surgiu como elo entre a moderna cultura negra e a África Mãe. Conhecida como “Quelê” ou “Rainha do Partido Alto”, foi uma das mais importantes cantoras de samba do Brasil. Sua voz potente e seu carisma no palco a consagraram como uma das maiores intérpretes da música popular brasileira.

Nascida em Valença (RJ), Clementina

teve infância difícil, trabalhando como empregada doméstica e lavadeira. O contato com o samba e com as tradições africanas, no entanto, sempre foi presente em sua vida. Aos 63 anos, foi descoberta pelo produtor musical Hermínio Bello de Carvalho, que a convidou para gravar seu primeiro disco. A partir de seu primeiro álbum, “Clementina de Jesus” (1964), sua carreira deslançou e artista se tornou uma referência do samba de raiz e do partido alto. Faleceu em 1987, deixando um legado de 18 álbuns e participações em filmes e programas de televisão.

“A descoberta de Clementina de Jesus teve para a música brasileira uma importância que presumo corresponder, na antropologia, à do achado de um elo perdido. Estávamos em meados da década de sessenta, já bem distante de nossas raízes africanas. A escola de canto que prevalecia era a europeia, principalmente a italiana: nossos cantores e

cantoras apresentavam-se com a voz polida, seja por estudos técnicos, que os transformavam em autênticos tenores (líricos ou dramáticos), barítonos, sopranos, etc..., seja por uma colocação mais espontânea, mas sempre refinada, civilizada”, escreveu o crítico musical Ary Vasconcellos na revista Amiga, em 1987.

João da Baiana, nome artístico de João Machado Guedes, é considerado um dos pioneiros do samba. Nascido no Rio em 1887, era filho de uma baiana que vendia quitutes e comandava terreiros de candomblé na região central da cidade na região conhecida como Pequena África. Teve um papel fundamental na formação do samba como gênero musical. Ele foi um dos primeiros músicos a gravar sambas, e suas composições e seu estilo de tocar pandeiro ajudaram a definir o ritmo e a sonoridade do estilo. João fez parte do lendário grupo Oito Batutas, que incluía Pixinguinha e Donga. O grupo se apresentou em diversos locais no Brasil e no exterior, contribuindo para a divulgação do samba. João da Baiana faleceu em 1974, mas seu legado musical continua mais do que vivo. Suas composições são tocadas e regravadas por diversos artistas, e seu estilo único de tocar pandeiro influenciou gerações de músicos.

Gênio incontestável, Pixinguinha foi instrumentista, compositor, orchestrador e maestro. Misturando valsas, polcas e modinhas com elementos afro-brasileiros e sonoridades rurais, Pixinguinha definiu a forma musical do choro. O autor de “Carinhoso” foi o principal responsável pela concretização de uma música popular, baseada na formação flauta-violão-cavaquinho. Mais tarde, dando ênfase ao uso da percussão, elaborou uma linguagem de orquestra tipicamente nacional.

Sobre as gravações do álbum, Hermínio Bello de Carvalho, produtor musical, nos conta histórias saborosas na contracapa do LP: “A presença de Pixinguinha, todos sabem, entenece pela sua lindeza. Seus quase setenta anos não alteraram a sua inventiva. Com seus sessenta e cinco anos, mãe Clementina deixava transparecer a emoção de se ver em tão ilustre companhia. João da Baiana? Quem não o viu passar, com seu terno branco, sua imensa gravata de bolinhas, seu cravo na lapela? Seu único problema, e que o afligia terrivelmente, é se deveria ou não cantar com a dentadura - pois não queria ver prejudicada sua articulação”.

SERVIÇO

GENTE NOVA DA ANTIGA

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)

1/2, às 19h30

Ingressos entre R\$ 42 e R\$ 120

Uma voz pela força do **matriarcado**

Mariene de Castro lança 'Dona de Casa', seu oitavo álbum, neste sábado no Circo Voador

A cantora e compositora Mariene de Castro faz neste sábado (1), no Circo Voador, o show de lançamento de "Dona de Casa", oitavo álbum de uma discografia que exalta a herança cultural afrobrasileira. O disco chegou ao mundo no dia 8 de dezembro, Dia de Nossa Senhora da Conceição, Dia de Oxum e, segundo a cantora, "é a festa do matriarcado que pariu essa gente, com traços e dores tão profundas".

"Dona da Casa' são as sambadeiras, as mulheres ribeirinhas, que labutam pelo sustento de sua casa e ainda assim colocam suas saias rodadas e sambam com o riso escanca-

rado e aberto, com seu canto esganiçado de labor", define a cantora.

A apresentação é uma linda homenagem às rodas de samba do Recôncavo baiano, celebrando a ancestralidade, a história construída pelos antepassados. "É por Edith do Prato, por Rita da Barquinha, por Nicinha, por Dona Dalva Damiana, Mestra Aurinda do Prato e tantas outras mulheres que através do samba de roda resgatam e eternizam a história afro-indígena brasileira", acrescenta Mariene, vencedora de vários prêmios em sua carreira tanto como cantora quanto atriz.

Baiana de Salvador, Mariene começou sua carreira musical em 2000, como backing vocal de Daniela Mercury. Em 2008, lançou seu primeiro álbum solo, o elogiado "Abre Caminho", que a projetou para o cenário musical brasileiro. Seu estilo musical é marcado pela mescla de ritmos afro-brasileiros, como samba, forró e maracatu, com influências da música popular brasileira e do jazz.



Divulgação

Mariene homenageia mulheres de fibra no novo álbum

Suas letras abordam temas como a cultura afro-brasileira, a religião, o amor e a luta contra o preconceito.

SERVIÇO

MARIENE DE CASTRO - DONA DE CASA

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) 1/2, a partir das 20h (abertura dos portões) Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

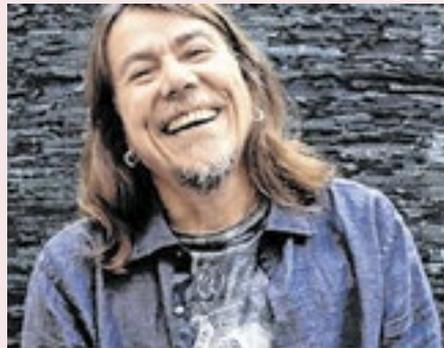
Marcelo Soares/Divulgação



Em família

O Arte Sesc Flamengo recebe o espetáculo Casa Ramil, que reúne músicos de diferentes gerações da família Ramil, num verdadeiro sarau de antigos e novos sucessos. No palco, eles se apresentam juntos, cantando suas próprias composições, numa celebração à música e aos laços familiares. Os sete integrantes do Casa Ramil tocam e cantam, dividindo-se nos solos e somando-se nos vocais. Sexta (31), às 19h.

Divulgação



Causa nobre

Os cantores e compositores Lenine (foto) e Rubel participam nesta sexta-feira (31) da 6ª edição do "Show à Vida", em benefício do Instituto Nacional Fernandes Figueira da Fiocruz, no Teatro Rival Petrobras. O evento beneficente é organizado em prol do Amigos do Figueira, que atende crianças, adolescentes e suas famílias em tratamento de doenças crônicas e raras no IFF/Fiocruz e em situação de vulnerabilidade social.

Divulgação



Dose dupla

Marcelo Falcão (foto) e Ponto de Equilíbrio dividem a noite com dois shows completos nesta sexta-feira (31), a partir das 21h, no palco da Fundação Progresso. O ex-vocalista do Rappa segue com sua bem sucedida carreira solo e mostra seus trabalhos mais recentes, além de lebrar sucessos da antiga banda. Com 24 anos de história, o Ponto de Equilíbrio é uma das bandas de reggae mais consolidadas no cenário nacional.

Aki/Divulgação



Dose tripla

Seguindo a tradição de grandes encontros, o Circo Voador reúne nesta sexta (31) três das bandas que têm feito mais barulho no cenário metal atual: a Nervosa (foto), que abriu espaço em sua concorrida turnê mundial para se apresentar em solo carioca; a Black Pantera, que depois de figurar como um dos melhores shows do Rock in Rio vem lançar seu aclamado disco, "Perpétuo"; e, abrindo a noite, os australianos do Elm Street.

Dia de Iemanjá no Arpoador terá rodas de samba, jongo, afoxé e outros ritmos afrobrasileiros

Após reunir mais de 25 mil pessoas na sua segunda edição, em 2024, o Dia de Iemanjá do Arpoador receberá o público carioca e as suas oferendas neste domingo (2), das 8h às 22h, no Arpoador. Já estão confirmadas atrações como o Afoxé Filhos de Gandhi, Samba de Caboclo e Pretinho da Serrinha, Nina Rosa, Ogan Bangbala, Jongo do Vale do Café, Tião Casemiro, Ogan Kotoquinho, Pai Dário, Samba Jongo, Mingo Silva, Companhia de Aruanda, Orin Dudu, Ilê Axé Onixêgun e Marcos André, o idealizador da celebração, além da Feira Crespa.

Na véspera, dia 1, a partir das 18h, haverá a Lavagem do Arpoador, sob a liderança do Afoxé Filhos de Gandhi, pioneiros na entrega de presente a Iemanjá na cidade, seguido do Bloco afro tradicional de Madureira, Lemi Ayó. A tradição religiosa vai se unir à tradição local. Os surfistas que há muitos anos frequentam a praia aceitaram o convite para entrar no mar com flores em oferendas, às 17h. Ao mesmo tempo, 150 filhos umbandistas de dez terreiros e de umbanda da região metropolitana do Rio vão abrir as giras nas areias do Arpoador, dando passes em quem quiser receber o axé.

Todo o ritual de oferendas do Dia de Iemanjá no Arpoador é liderado pelo lendário Mestre Bangbala, aos 105 anos, o Ogan mais antigo do país em atividade e patrono do evento, juntamente com Pai Dário, descendente da Casa Branca, primeira casa de candomblé do Brasil e um dos líderes do jongo do Morro da Serrinha. Eles serão acompanhados por Marcos André, de família umbandista e de



Thais Brum/Divulgação

Um domingo de celebração à rainha do mar



Imagens da celebração do Dia de Iemanjá do ano passado, que reuniu 25 mil pessoas na Praia do Arpoador

Mãe Maria da Paz, mãe de santo do Quilombo São José, em Valença.

“Além de promover a integração entre pessoas de todos os credos, cores e regiões da cidade e enal-

tecer a cultura de matriz africana tão poderosa e ao mesmo tempo tão atacada, o evento vai gerar mais empregos e divisas para a cidade através do turismo, com potencial

de se tornar um dos maiores eventos do calendário do Rio. Em Salvador, o dia de Iemanjá atrai cerca de 500 mil turistas e movimentação mais de R\$ 400 milhões. O poder

público e as empresas do Rio têm que abrir os olhos para esse enorme potencial econômico, além de promover de forma tão potente os nossos patrimônios imateriais”, afirma Marcos André.

A partir das 8h para a concentração do cortejo, aos pés da estátua do Tom Jobim, que sairá às 9h em ponto com as oferendas para Iemanjá, liderado por representantes das casas de umbanda e candomblé de origens centenárias e de cerca de 300 artistas de grupos de afoxé, jongo e samba.

Em seguida, será aberta uma Roda de Tambor ao lado da Pedra do Arpoador, com pontos de candomblé cantados pelo Mestre Ogan Bangbala e pelo Pai Dário, do Ilê Axé Onixêgun e do grupo Orin Dudu.

Logo depois, o afoxé vai brilhar, com os grupos Filhas de Ghandy, Afoxé Ore Lailai e Ogan Kotoquinho, Roda de jongo com os quilombos do Jongo do Vale do Café acompanhados da Companhia de Aruanda do jongo do Morro da Serrinha, que convidarão o público para dançar muito samba de roda, jongo, ciranda e afoxé à beira mar. A partir das 15h, um festival de cantores de umbanda e a presença de giras de dez terreiros da Zona Norte do Rio vão dar passes e rezas aos presentes.

O Jongo do Vale do Café vai descer a serra para apresentar mais de 150 anos de história dos quilombos da região, berço do jongo, na festa. “O jongo é considerado o pai do samba carioca e o Jongo do Vale do Café o celeiro dos grupos de jongo mais antigos do país”, explica Marcos André.

Após as rodas, o célebre cantor de umbanda Tião Casemiro vai entoar pontos de umbanda acompanhado pela sua orquestra de tambores e da DJ Bieta.

O final do evento terá uma roda de samba, prevista para começar às 19h, em um palco montado ao lado da Pedra do Arpoador, com a apresentação do espetáculo Samba Jongo, com os sambistas Nina Rosa, Mingo Silva, Marcos André e Samba de Caboclo com a participação especial do Pretinho da Serrinha.

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.

ENTREVISTA / PATRÍCIA PINHO, ATRIZ, DIRETORA, PRODUTORA E ESCRITORA

'O Bem Amado é uma sátira inacreditavelmente atual'

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Patrícia Pinho é uma capricorniana de fé. Com mais de 37 anos de carreira, começou criança, com uma carreira diversificada no teatro, televisão e humor, é atriz, diretora, produtora, escritora, atuando em diversos formatos. Formada em Artes Cênicas pela UNI-RIO e licenciada pela Faculdade Bennett, iniciou seus estudos teatrais aos 12 anos. Hoje, é Mestre em Ensino de Teatro pela UniRio. Em 2010, recebeu o Prêmio APTR de Melhor Atriz Coadjuvante pela peça "As Meninas", de Maitê Proença e Luis Carlos Góes, dirigida por Amir Haddad.

Idealizadora do "Buraco da Lacia Dance Show", um cabaré-show de videokê na Lapa, é pioneira na pesquisa de improvisação no Brasil, fundando a Cia Teatro do Nada em 2003, grupo filiado ao International Theatresports Institute. Patrícia é talento em todas as artes, inclusive em astrologia, cartomancia e, durante a pandemia, utilizou suas habilidades em tarô para auxiliar amigos desempregados com atendimentos. É a diretora do musical "Do Outro Lado", primeiro texto da atriz Vanesa Gerbelli com direção de arte de Gringo Cardia que estreia em Setembro no Teatro Porto Seguro/SP.

Patrícia não para. Atualmente está em cartaz com "O Bem-Amado", juntamente com Diogo Vilela. E desse trabalho e de muitos outros que Patrícia falou com exclusividade ao Correio.

Você é pioneira e experiente em grupos coletivos? Como é sua experiência atual?

Patrícia Pinho - Eu não acre-



Divulgação

Patrícia Pinho com Diogo Vilela em cena na montagem de 'O Bem Amado'

dito em salvação individual para o teatro. A Era dos Monólogos deixou o palco solitário. A coragem de Diogo Vilela e de Marília Milanez em produzir uma Cia de Teatro desse porte é ousada, inteligente e agregadora. Diogo, que lidera esse grupo do qual faço parte, poderia estar em cena sozinho buscando lucro com a venda de seus ingressos - lota todas as sessões, resultado do seu compromisso com a qualidade, integridade e dedicação ao teatro. Eu sou apaixonada pelo Diogo. Ele joga em cena, brinca, se dá completamente. Grande ator com uma técnica fascinante, total domínio do palco, da cena, da plateia. E estar ao seu lado é um barato.. Marcus Alvisi é um diretor que incentiva a liberdade e a busca de uma interpretação com linguagem brasileira. Fazer parte desde a montagem de O Pagador de Promessa é uma sorte! Que os Deuses do Teatro estão abençoando.

Como você exercita seu lado místico com a sua carreira

Aprendi com Amir Haddad que a função do teatro é organizar o mundo. E que atuar é manifestar personagens, assim como nos rituais Deuses se manifestam através das músicas. Que o Circo Etéreo é o lugar intermediário entre os céus e a terra. Assim foi definido pela vidente Tia Neiva do Vale do Amanhecer.

Qual a importância de interpretar um autor como Dias Gomes?

É minha terceira experiência com esse autor, que tem a capacidade de retratar a alma brasileira com uma trama complexa, com excelentes piadas e reviravoltas. O público se delicia. Dias Gomes é um desafio porque o texto precisa ser bem dito, usa expressões não usuais. Seu texto é primoroso e talvez por isso seja difícil de decorar...

é como poesia. A primeira foi com "Roque Santeiro - O Musical", dirigido por Bibi Ferreira em 1996, neste mesmo Teatro João Caetano. Foi um momento mágico de minha vida. Contracenava com grandes nomes: Dona Nicete Bruno, Agildo Ribeiro, Milton Gonçalves, Rogéria, Benvindo Siqueira... Sou uma atriz muito antiga - imagine que eu tenho carteira assinada por essa produção. (Nos tempos atuais, somos obrigados a ser empresários) Roque Santeiro é o sacrifício cristão a serviço da ganância e da política. "O Pagador de Promessas", em 2024, com Diogo Vilela como Zé do Burro - que lindo trabalho! O Pagador retrata uma personagem de uma pureza e ingenuidade que já quase não existe mais. O amor, a fé e a perseverança rivalizavam com o olhar de Rosa, a companheira que vê a maldade dos homens, do jornal, da igreja e de uma realidade de uma cidade que cresce enquanto

perde seu poder de empatia. Uma tragédia brasileira. Nada justifica matar aquele homem. "O Bem Amado", por sua vez, é uma sátira inacreditavelmente atual! Odorico Paraguaçu é o pior do Brasil. Sem escrúpulo nenhum. As irmãs Cajazeiras, falsas moralistas que rodeiam o Poder. Sucupira é a cara do Brasil e sua capacidade de fazer piadas e memes com os absurdos da realidade. Uma proposta bem dirigida pelo Marcus Alvisi.

E como tem sido a reação do público?

É um acontecimento. Amir Haddad foi na estreia e sentenciou que há anos ele não via uma estreia como essa. Casa lotada, 14 atores em cena (além da equipe de produção e do teatro) com um texto clássico brasileiro. Encerramos todas as sessões como uma celebração. Enterramos o Odorico ao som de Carcará! Ao final, a plateia dança e aplaude conosco. Na esquina do Teatro, fomos abordados por um vendedor de frutas que falou: "Sou de Manaus e nunca entrei no Teatro Amazonas. Vim conhecer o Teatro aqui, com a peça de vocês. Paguei 5 reais pelo ingresso, mas vendo a peça vi que vale 200." Essa história que acabo de contar é uma síntese sobre esse público que tem vindo nos assistir. A democratização do Teatro João Caetano é um bem para a cidade. Quando cheguei para os ensaios temi pela Praça Tiradentes tão linda e abandonada. Com o sucesso da peça, os taxistas fazem fila. O pipoqueiro está na porta. Ao lado dele o vendedor de cerveja. Todos se sentem confortáveis em um espaço público, celebrando coletivamente. Como é importante ser feliz! A cidade é contemplada, abraçada. A praça Tiradentes é nossa!

CRÍTICA / TEATRO / ENTRESSAFRA

O tempo não pára

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

A música de Chico Buarque acerta quando diz que a “dor da gente não sai no jornal.” Os tropeços do cotidiano, os pequenos desejos, a vida que comum que é incomum, as perdas imaginárias, as perdas verdadeiras. São tantas coisas do cotidiano que nos engolfam, engolem e afogam. É desse vaivém do pequeno, do micro que Isabel Guéron constrói, com graça e emoção, *Entressafra*.

A partir de seu próprio livro, “*Entressafra*”, e incorporando a

experiência do humor cínico de seu personagem podcástico do Não é Noronha, Isabel percorre todos os tons que compõem uma interpretação que muda o tom de voz, o olhar, o movimento de corpo, o relacionamento da platéia, ao contar de forma sintética episódios que poderiam passar batidos, se não fosse o talento abundante de Isabel.

A equipe escolhida por Isabel é formada por profissionais que levam sua experiência extra e intra teatro para aprofundar o significado do texto. Os figurinos de Luiza Marcier vão do básico da roupa com que Isabel aparece até o ves-

Manuel Aguas/Divulgação



Isabel Guéron em ‘*Entressafra*’, baseada em seu livro

tido de “festa” desconstruído, porém refinado, em um estilo Oscar. A direção de Cristina Moura com assistência de Ana Paula Novellino aproveitam o pequeno espaço e trilha sonora original de Rodrigo Maranhão resolve muitíssimo bem a passagem dos episódios.

O primeiro nível de compreensão é o período em que os atores ficam sem trabalho, a entressafra. Mas o que fica claro para a platéia é que, em todas as vidas, há um período, seja por qual motivo, temos que nos ver frente a frente com as nossas funções, com o que nos acontece. Esse é, talvez, o papel mais difícil de se interpretar. E Isabel tem uma atuação digna de vencer qualquer prêmio.

SERVIÇO

ENTRESSAFRA

Espaço Abu (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 429 - Loja E)

Até 2/2, sexta a domingo (20h)

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Amizade ruída

“Fortaleza” promove curtíssima temporada, no Teatro Café Pequeno. O texto inédito de José Pedro Peter narra a história de dois amigos de infância, PH (Carlos Marinho) e Bruno (José Pedro Peter) que vêem sua amizade acabar por causa de preconceitos, inseguranças e pressão dos pais e colegas de escola. A peça joga luz sobre a construção da masculinidade por meio da relação de dois melhores amigos. Muito mais do que responder a perguntas, propõe questionamentos e reflexões.

Divulgação



Clarissa Ribeiro/Divulgação



Lisístratas de volta

“As Lisístratas”, adaptação da comédia de Aristófanes, está no Teatro da Sede das Cias, na Lapa. Com Direção e adaptação de PV Israel – Vencedor do prêmio de melhor dramaturgia I Love Prio do Humor em 2020 – a peça busca atualizar a obra para os tempos modernos, oferecendo uma nova interpretação da protagonista Lisístrata, agora representada por um elenco de atrizes que, juntas, personificam diferentes aspectos dessa personagem. Com muita criatividade, a peça se expressa como o texto original é revisitado, com referências a questões sociais urgentes.

Divulgação



Deus em toda parte

Vino Fragoso apresenta “Deus - Um Espetáculo” no Teatro Dulcina, com ingressos gratuitos. Fragoso é um multiartista: atua como roteirista e diretor de arte no audiovisual, tendo trabalhado para Preta Gil, Luiza Sonza, Gloria Groove. Em “Deus”, Vino assina texto, direção, cenografia, figurino e iluminação (esta em parceria com Julio Parente). O espetáculo tem como característica a conexão entre novas tecnologias, integrando a linguagem das redes sociais, com foco na urgência da consciência ambiental, pois muitos reconhecem na natureza a divindade.

SHOW**MARCOS HASSELMANN**

*O cantor apresenta com músicas que influenciaram sua carreira na música. O show "De Sinatra a Jobim" passa por clássicos de diversos cantores, entre eles, Tom Jobim, Amy Winehouse, Tom Jones e, é claro, Frank Sinatra. Sex (31), às 20h. Blue Note Rio 9Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 45

SUPERNOVA

*A banda compartilha novos arranjos para clássicos de Marvin Gaye, James Brown, The Beatles, Black Pumas, Gnarl Barkley e Alicia Keys. Sex (31), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

DANÇA**ENQUANTO VOCÊ VOAVA, EU CRIAVA RAÍZES**

*O trabalho mais recente da dupla André Curti e Artur Luanda Ribeiro, da Cia Dos à Deux, une dança, teatro, circo, artes cênicas, mímica e artes plásticas. Até 23/2, de qui a sáb (20h) e dom (18h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804). Entre R\$ 40 e R\$ 120

HUMOR**ZONA DE CONFORTO**

*O humorista Renato Albani traça uma linha em que questiona os motivos que levam o ser humano a querer sair da sua zona de conforto. Ses (31), às 19h e 21h30. Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo). R\$ 130 e R\$ 65 (meia)

HERMANOTEU NA TERRA DE GODAH

*O espetáculo mais conhecido da Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo ((DF) volta ao Rio. Hermanoteu e Isaac estão nos portões do Egito no momento em que Moisés abre o Mar Vermelho. Sex (31), às 21h. Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000). A partir de R\$ 45

TEATRO**MARTINHO, CORAÇÃO DE REI**

*A história de Martinho da Vila em musical com texto de Helena Theodoro e direção de Miguel Falabella. Até 23/2, de qui a sáb (2h) e dom (19h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Entre R\$ 39 e R\$ 200



Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Junior Mandriola/Divulgação



Detalhes de Nós Dois

NEFELIBATO

*Empresário perde sua fortuna, família e amigos após o episódio do confisco da poupança nos anos 1990 e passa a viver nas ruas. Até 6/2, qua e qui (19h). Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179). R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

AS ARTIMANHAS DE MOLIÈRE

*Monólogo mescla quatro peças do célebre dramaturgo francês. Até 9/2, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179). R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

MEU CARO AMIGO

*Professora tem a vida embalada pelas canções de Chico Buarque. Até 25/2, seg e ter (19h). Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Divulgação



Marcos Hasselmann

Divulgação



Enquanto Você Voava Eu Criava Raízes

João Salamonde/Divulgação



Artimhas de Molière

MALDITA

* Trechos das tragédias gregas “Édipo Rei”, “Antígona” e “Sete Contra Tebas”, de Sófocles e Ésquilo, são explorados num experimento cênico que usa e abusa da comicidade contemporânea. Até 2/2, às sex e sáb (20h e dom (19h)). Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

MARKU MUSICAL

* A vida, obra e legado do cantor e compositor Marku Ribas (1947-2013), um estudioso da herança africana, são celebrados neste musical que reúne suas filhas Júlia e Lara e sua viúva. Até 2/2, de qua a sáb (19h) e dom (18h). Teatro I - Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Juliana das Fotos



Zona de conforto

Rodrigo Menezes/Divulgação



Mata Teu Pai

MARGINAL GENET

* A dramaturgia de Francis Mayer inspira-se em passagens do cultuado ‘Diário de um Ladrão’, de Jean Genet, autor transgressor que viveu no submundo parisiense até ser descoberto pelos peqensadores Albert Camus e Jean Paul Sartre. Até 31/1, qui e sex (20h). Cine Teatro Joia (Av. N. S. Copacabana, 680). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

DETALHES DE NÓS DOIS

* Helga Nemetik e Pedro Henrique Lopes encenam este delicado musical que resgata o cancionero romântico de Roberto Carlos, capaz de embalar romances há várias gerações. Até 12/2, ter e qua (20h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 20 e R\$ 90

NÃO ME ENTREGO, NÃO!

* Othon Bastos, o maior ator brasileiro vivo, aos 91 anos, retoma a temporada do solo em que arrebatou plateias com episódios de sua vida carreira. Direção de Flávio Marinho. Até 23/2, qui (17h), sex (20h), sáb (19h) e dom (20h). Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

EXPOSIÇÃO**GEOMETRIA INQUIETA**

* O percurso do escultor Ascânio MMM, uma obra marcada pela estética minimalista e geométrica. Até 30/3, de ter a dom (12h às 18h). Casa Roberto Marinho (Rua Cosme Velho, 1105). R\$ 10, R\$ 5 (meia) e grátis (quartas-feiras)

ROTA DO CHÁ - BOTÂNICA, CULTURA E TRADIÇÃO

* Exposição conta a fantástica e rica história do chá desde suas origens ancestrais na China até sua disseminação global, com destaque para os rituais, as artes e a evolução social, associados à sua produção e consumo. Até ago/25, qui a ter (10h às 17h). Casa Pacheco Leão (Rua Jardim Botânico, 1008). Grátis

ASSIM É SE LHE PARECE

* Adepto da fotografia analógica e em preto e branco, o paraibano Antonio Augusto Fontes apresenta 60 trabalhos de sua vasta produção, incluindo obras icônicas e registros inéditos de sua trajetória pelo Brasil e exterior. Até 28/2, seg a sex (11h às 19h). Galeria da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 432). Grátis

INFANTIL**D.P.A. 2 - A PEÇA - UM MISTÉRIO MUSICAL EM MAGWOOD**

* Os meninos detetives do Prédio Azul vivem novas aventuras no teatro. Até 9/2, sáb (14h e 16h30) e dom (16h e 18h30). Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). Entre R\$ 45 a R\$ 120

PARTIU 90!

* A história de uma menina de 2024 que viaja no tempo com sua melhor amiga para mudar o passado de seus pais. Até 1/2, aos sáb (11h). Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - R. Marquês de São Vicente, 52). R\$ 100, R\$ 50 (meia) e R\$ 150 (combo familiar, 3 pessoas)

ENTREVISTA / ALAN ROCHA, ATOR E MÚSICO

Andressa Costa/Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Caminhando por seu bairro, a Penha, para um café com o Correio da Manhã, antes de correr para o Teatro Riachuelo, onde estreia o musical “Martinho, Coração de Rei”, Alan Rocha lembra de ter despertado sua casa aos berros, na madrugada do dia 6 de janeiro quando Fernanda Torres, sua colega de cena em “Ainda Estou Aqui”, ganhou o Globo de Ouro. É ele quem vive o repórter da revista “Manchete” que entrevista Eunice Paiva (1932-2018), personagem da atriz, no fenômeno de bilheteria de Walter Salles, indicado a três Oscars. É o jornalista interpretado por ele quem pede à futura advogada e ativista – debruçada na luta pelo paradeiro de seu marido, o engenheiro Rubens Paiva, desaparecido após ser levado para depor por agentes da ditadura – para não sorrir ao tirar uma foto. A reação dela é um par de frases: “Vamos sorrir. Sorriam!”

“Dei um grito quando a Fernanda ganhou que até acordou a minha esposa. Era muito forte aquela experiência de ver uma atriz brasileira concorrendo com o top das galáxias, como a Angelina Jolie e a Nicole Kidman, e isso 26 anos depois de a mãe dela, a Fernanda Montenegro, ter concorrido. É muito orgulho”, diz Alan, um caquartista e ator de 44 anos, graduado em Música pela UFRJ, que hoje arrebatou elogios ao interpretar o bardo da Vila Isabel nos palcos do Riachuelo, sob a direção de Miguel Falabella.

Cerca de 4 milhões pagantes já prestigiarão a adaptação que Walter fez do romance “Ainda Estou Aqui”, de Marcelo Rubens Paiva, autor do best-seller “Feliz Ano Velho” e filho de Eunice. Esses números só fazem crescer, sobretudo depois que o longa entrou no páreo do Oscar de Melhor Filme, Melhor Atriz (Torres) e Melhor Filme Internacional, contabilizando cerca de US\$ 15 milhões na venda de ingressos planeta adentro. Em muitas das sessões nacionais da fita é possível ver o próximo potencial blockbuster estrelado por Alan: “Vitória”, que estreia no dia 13 de março. De novo, ele está às voltas com o jornalismo na trama, cujo papel título é vivido por outra Fernanda, a Montenegro. A pedido do Correio, a diva da arte brasileiro definiu Alan em três frases:

“Interpretação magnífica. Personagem realizado de forma memorável. Presença de



‘Criei blindagem e tenho sonhos’

ator que nos honra”, abençoa Fernadona, que construiu sua personagem baseada na história verídica de Joana da Paz, aposentada que desmascarou uma quadrilha de traficantes e policiais corruptos, na Ladeira das Tabajaras, na Zona Sul do Rio, com filmagens em fitas VHS.

Incluída no Serviço de Proteção à Testemunha, Joana foi apelidada de “Vitória” e teve sua identidade mantida em sigilo por 17 anos, até morrer em 2023, após o término das filmagens do longa, dirigido por Andrucha Waddington (genro de Montenegro e marido de Torres). Ele assumiu as filmagens após a morte do amigo e colega Breno Silveira (diretor de “2 Filhos de Francisco”), em 2022. Alan entrou no projeto no papel do jornalista que ajuda a personagem de Fernanda a debelar o tráfico.

É um registro no terreno do drama, distinto do show que ele dá no Riachuelo como uma das versões do compositor e cantor de

“Tá Delícia, Tá Gostoso” no recorte trazido por Falabella, a partir da biografia “Martinho da Vila: Reflexos no Espelho”, de Helena Theodoro, estudiosa da realidade africana.

“Alan Rocha me causou um profundo impacto em ‘A Cor Púrpura’, porque eu tinha visto a montagem americana e ele conseguiu trazer uma originalidade tocante à personagem e esse tipo e inteligência cênica sempre me cativa”, diz Falabella. “Escrevi especialmente para ele uma participação em ‘O Coro’, uma série que fiz na Disney e selamos a parceria com esse Martinho, onde ele me conquistou de vez, pois é um ator de múltiplos recursos e técnica apurada”.

Segundo Falabella, com Alan, nada é gratuito e sem propósito. “Cada enunciado é pensado e ensaiado à perfeição. Espero ter muitos outros encontros com esse intérprete espetacular que é o Alan”, diz o eterno Caco Antibes.

Visto em longas como “Praia Formosa” e

“Mussum: O Filmi”, Alan também fez novela, no elenco de “Nos Tempos do Imperador”, da TV Globo. Tá pra jogo na TV apesar de o cinema não tirar o olho dele. “Tenho uma genuína intenção de um dia trabalhar com o Alan, que tem uma presença forte na tela”, diz o roteirista e diretor Marton Olympio, referência nacional nas discussões antirracistas na dramaturgia. “À força do talento, ele está conseguindo romper uma barreira estética que havia na representação negra, antes restrita a pessoas de traços faciais mais finos. Com ele, os outros tipos da população negra - e nós somos muitos - entram em cena”.

Na conversa a seguir, o ator explica o simbolismo que cerca sua recente consagração.

Seu rosto está sendo visto por votantes da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood na escolha dos ganhadores do Oscar 2025, graças à

“*Ainda Estou Aqui* está desbravando espaços inimagináveis, mostrando um momento delicado do Brasil para muita gente, até para quem duvida de como as coisas foram”



Fernanda Montenegro com Alan Rocha em 'Vitória'

Erik Almeida/Divulgação



Alan Rocha lidera elenco de 20 atores-cantores-bailarinos em 'Martinho, Coração de Rei - O Musical'

consagração de “Ainda Estou Aqui” no exterior. Como recebe o sucesso do filme de Walter Salles?

Alan Rocha: A gente vai apanhando uma notícia boa nova a cada hora sempre que se fala do “Ainda Estou Aqui”, que está desbravando espaços inimagináveis, mostrando um momento delicado do Brasil para muita gente, até para quem duvida de como as coisas foram. A repercussão do filme é maravilhosa. O Walter é um diretor muito inteligente. A sensação é de estar participando de um filme histórico. Eu, que nunca parei para ver o Globo de Ouro, fui assistir o prêmio este ano para torcer pela Fernanda Torres. Berrei de emoção.

Neste momento em que o filme faz história, seu prestígio cresce, e se amplia com “Martinho, Coração de Rei” e com o trailer de “Vitória”, já nos cinemas. O que essa visibilidade atual traz não só para a

sua carreira, mas para a ampliação da presença negra nas telas?

Eu sei o quanto é difícil ser um artista preto no audiovisual, em que a gente ficou muito tempo só vendo as mesmas pessoas no ar. Na vida, já passei por racismo várias vezes, mas tento não me lembrar, para não reabrir essas feridas. Para isso, criei blindagem e tenho sonhos. Venho refletindo muito sobre a forma como eu possa servir de alicerce para as pessoas negras, como um exemplo. Eu virei ator porque gosto de ser outras pessoas, gosto da explosão interna com que a arte me possibilita me vestir do outro. No palco e nas telas, eu saio do meu estado de Alan para viver outras experiências, e fico feliz com isso. Sempre quero mais.

Você a chance de contracenar com as duas Fernandas, a Torres e sua mãe, Montenegro. Que lições tirou de ambas?

Como colegas, as Fernandas impressio-



Alan Rocha em cena que atua ao lado de Fernanda Torres em 'Ainda Estou Aqui'

Divulgação

nam pela generosidade e pela simplicidade. A experiência com elas me deu a sensação de que estou no caminho certo e de que, com o pé no chão, seguirei em frente. O trabalho com a Fernandinha foi de uma diária só, um dia apenas, mas ver uma artista tão grande quanto ela me abre caminho para aprender. Com a Fernandona, eu filmei antes, ali por 2022, já com o Andruca Waddington. Soube da morte do Breno Silveira, que seria o diretor, e soube que um projeto parou por um tempo, até ser retomado. Quando conheci a Fernanda Montenegro, eu me vi diante de uma rainha, uma deusa e, no encontro, improvisamos. Aprendi que, com ela, atuar tem que ser olho no olho.

Qual é a maior responsabilidade em viver Martinho da Vila?

O peso maior é não transformar sua composição numa caricatura, trazendo humanidade ao retrato que o espetáculo traça

dele. Já vi muita gente brincando de fazer o Martinho, imitando seus trejeitos. Eu fui buscar algo que tinha dentro de mim. Martinho tem um disco, chamado “O Pai da Alegria”, que traduz muito dele, expondo a genialidade que ele teve de manter viva a bandeira do samba.

Como é que a sua experiência prévia com o samba, como músico, ajudou nesses trabalhos?

A música me trouxe a manha de observar. Quando moleque, eu trabalhei um tempo fazendo pipa. Com o dinheiro que juntei, comprei um cavaquinho. Fui estudar na Villa-Lobos e depois cursei a Faculdade de Música da UFRJ, onde fiz a licenciatura. Um dia, veio um convite de um amigo meu para tocar numa peça no Retiro do Artistas. Eu me aproximei do teatro ali e, de 2008 para cá, fiz cerca de dez peças. Na sequência veio o cinema, sob a direção do Jeferson De, com quem eu fiz “M8: Quando A Morte Socorre A Vida”, “Revolta dos Malês” e “Doutor Gama”.

Você tem um projeto infantil chamado “Clube Akorin” no horizonte, também explorando sua vertente de músico. Como é que o samba te alcançou?

Embora eu já escutasse samba por influência do meu pai, sobretudo os discos do Zeca Pagodinho e o álbum “O Show Tem Que Continuar”, do Fundo de Quintal, a influência dos grupos de pagode de São Paulo, que começaram a tocar nos anos 1990, foi forte sobre mim. O som do grupo Katinguelê me pegou.

O que te mantém no bairro da Penha, contrariando o fluxo de muitos artistas, mesmo os mais populares, de migrar para a Zona Sul ou a Barra?

Sou da Vila da Penha. Agora moro na Penha. Tenho uma ligação forte com o bairro pela nostalgia de seu lado cultural, que tem uma tradição artística histórica, mas pouco falada. As arenas culturais, a lonas... tudo isso deu muita força na relação do subúrbio com a cultura, furando a bolha de uma rota teatral que se limita ao Centro e à Zona Sul, na maioria das vezes. Andei muito de 355 (ônibus do trajeto Madureira x Tiradentes) e de 350 (linha Irajá x Passeio), passando a Faixa de Gaza (apelido da Rua Leopoldo Bulhões, ligando Manguinhos a Benfica).

O que você tem de trabalho para os próximos meses?

Agora é seguir na torcida pelo Waltinho e esperar a estreia do “Vitória”.

Suzanna Tierie/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Rodeado pela alegria brasileira decorrente das três indicações ao Oscar de “Ainda Estou Aqui”, o Oscar 2025 será entregue no dia 2 de março com muitas surpresas em seu rol de indicações, o que não aplaca as frustrações geradas pelos incômodos esquecimentos cometidos por seu colegiado de votantes. Algumas vozes autorais de peso e muitas interpretações badaladas ficaram de fora da competição, como foi o caso de “O Quarto ao Lado”, que garantiu o Leão de Ouro ao espanhol Pedro Almodóvar.

Esse libelo do artesão do melodrama em prol da dignidade às portas da morte, num enredo sobre eutanásia, não concorre em nenhuma frente sequer da cerimônia anual da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Uma de suas estrelas, a escocesa Tilda Swinton, chegou a disputar o Globo de Ouro (perdendo para a carioca Fernanda Torres), e será homenageada com o Urso Honorário da 75ª Berlinale, no próximo dia 13.

O tributo berlinense promete menções à sua entrada no universo almodovariano, preterido pela premiação estadunidense que tem o musical francês “Emilia Pérez” como seu recordista de nomeações, em concurso em 13 categorias.

Vitrine para alguns dos concorrentes da Academia deste ano, inclusive “Ainda Estou Aqui”, o Festival de Roterdã, na Holanda, vai projetar neste sábado umas das iguarias de autorialidade que o Oscar deixou de lado: “Tudo Que Imaginamos Como Luz”, da Índia. Sua realizadora, Payal Kapadia, ganhou o Grande Prêmio do Júri em Cannes e disputou o Globo de Ouro de Melhor Direção, mas nada disso impressionou a Meca de Hollywood. Em sua trama, a enfermeira Prabha (Kani Kusruti) recebe um presente inusitado do ex-marido. Nesta mesma época, a colega de quarto dela, Anu (Divya Prabha) começa a namorar e tenta encon-



‘Hard Truths’, de Mike Leigh, com Marianne Jean-Baptiste, será exibido por Roterdã neste domingo

Esnobados pela Academia

Cults, premiados e sucessos de público acabaram não passando pelo crivo da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, incluindo o novo longa de Almodóvar

neste sábado, às 23h59, o Estação NET Rio prestigia o ator ao exibir esse desempenho que divide águas em sua bem-sucedida carreira. Em diálogo com o romance homônimo do beatnik William S. Burroughs (1914-1997), ele interpreta Lee, um solitário americano expatriado no México dos anos 1950, à busca de um amor para chamar de seu entre homens mais jovens que o encantam.

Outro título irresistível de Guadagnino, “Rivais” (hoje na Prime Video) sonhou repetir na festa do Oscar a vitória que teve no Globo de Ouro, onde ganhou o troféu de Melhor Trilha Sonora, graças às composições de Trent Reznor e Atticus Ross. O duo, entretanto, não emplacou nas predileções da Academia. Caetano Veloso tem música nesse triângulo amoroso ligado ao tênis.

Dado como presença certa na briga dos atores coadjuvantes deste Oscar, Denzel Washington terá de adiar seu anseio por uma terceira estatueta para depois, quicá 2026, quando deve se destacar com “Highest 2 Lowest”, de Spike Lee. Acreditava-se que ele entraria no certame da Academia deste ano por seu desempenho como um empresário de lutas em “Gladiador II”, de Ridley Scott. Apesar do êxito comercial do épico romano, ele perdeu sua vaga na competição.

Até o final de outubro, as associações sindicais dos Estados Unidos vão anunciar os ganhadores de suas premiações. São elas que prenunciam quem leva o Oscar.



Sem vagas nos prêmios da Academia, Tilda Swinton será homenageada na Berlinale, no dia 13

trar um lugar onde o novo casal possa ter intimidade em paz. Nesse momento, uma viagem para o litoral vem bem a calhar à rotina delas, que se abre para a aposentada Parvaty (Chhaya Kadam).

No domingo, Roterdã vai rir (e despejar umas lagriminhas) com “Hard Truths”, a nova Comédia Humana do octogenário diretor britânico Mike Leigh (“Vera Drake”), que vinha sendo tratada como

potencial nominada ao Oscar (mas nada disputará) desde sua passagem pelo Festival de San Sebastián, quatro meses atrás. Sua protagonista, Mariane Jean-Baptiste, foi indicada pela Academia à láurea de Melhor Coadjuvante em 1997, por “Segredos e Mentiras”, também de Leigh, mas ficou distante dos holofotes americanos desta vez, apesar dos elogios que colheu no papel de Pansy. Essa figura irascível, zan-



O ex-007 Daniel Craig concorreu em Veneza com ‘Queer’

gada, sem papas na língua, serve de eixo à crônica de costumes do Reino Unido suburbano promovida pelo cineasta inglês.

Apesar de fraturar opiniões, “Queer”, do siciliano Luca Guadagnino, parecia ser um convite ao Oscar para o 007 Daniel Craig, sobretudo após sua projeção no Festival de Veneza. Acabou que o mais recente James Bond não teve chances com a Academia. Nesta sexta e

El Deseo/Divulgação

A24/Divulgação

CRÍTICA / FILME / A VERDADEIRA DOR

Searchlight Pictures

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Frases de para-choque de camião tipo “Primos são aqueles irmãos que nasceram na barriga dos nossos tios” dão a medida de afeto que impulsiona David e Benji, parentes consanguíneos do clã Kaplan, por uma jornada a um perímetro da Polônia assombrado por fantasmas nazistas.

Em sua Nova York natal, David casou, virou pai, alcançou estabilidade (e lucro) profissional e se dedica ao ideal de fazer a instituição “família” funcionar com harmonia. Já Benji, ao contrário dele, é pipa voada. Não tem lastro, erra pelo mundo e amortece os solavancos da vida com fármacos de todo tipo. A dupla segue por trilhas opostas em suas escolhas, ligada por códigos culturais judaicos. Lá atrás, entretanto, quando eram meninos, eles viviam como unha e carne, na brodagem plena.

É em nome desse carinho do passado que o bom moço dos Kaplan aceita acompanhar seu familiar com defeito num acerto de contas simbólico com suas raízes – e com a foice hitlerista que as condenaram a campos de concentração, nos anos 1940. Assume essa missão não apenas para repensar a resiliência histórica do povo judeu, mas para resgatar o menininho gente fina que ainda pode viver na carcaça sinceronada de David. O fato de ele ter tentado suicídio é um motivo a mais para a viagem que pavimenta o belíssimo “A Verdadeira Dor” (“A Real Pain”), que faz do ator Jesse Eisenberg um cineasta elegante.

É ele quem interpreta David, além de dirigir e de assinar o roteiro, merecidamente indicado ao Oscar. A seu lado, no papel de Benji, existe uma força da natureza, Kieran Culkin, ganhador do Globo de Ouro de Melhor Coadjuvante. Ele também concorre no páreo da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, na mesma categoria, despontando como favorito. Seu prestígio na TV e no streaming na série “Succession” (da plataforma MAX), em que vive Roman Roy, foi fundamental para que Eisenberg conseguisse mais visibilidade para o longa-metragem. Kieran – que ganhou um Emmy em 2023 pelo supracitado do seriado da antiga HBO – é o irmão (dois anos) mais moço de Macaulay Culkin, o Kevin de “Esqueceram de Mim” (1990). Seu jeito de injetar agressividade a frases corriqueiras, numa fronteira estreitíssima entre riso e drama, dá à narrativa de “A Verdadeira Dor”



Jesse Eisenberg e Kieran Culkin interpretam os primos David e Benji Kaplan em *A Verdadeira Dor*

Dramaturgia do inesperado

uma carga de tensão, numa dramaturgia do inesperado.

Catapultado à fama em “A Lula e a Baleia”, de Noah Baumbach, há 20 anos, Eisenberg ganhou status de astro (daqueles inquietos) ao estrelar “A Rede Social” (2010), sucesso comercial de David Fincher, que o levou a concorrer ao Oscar. Perdeu para Colin Firth, em “O Discurso do Rei”, mas consagrou uma forma de interpretação de falar e fazer gestos nevrálgicamente. Levou esse estilo até para a animação, ao emprestar a voz para a ararinha azul de “Rio”, do carioca Carlos Saldanha, que o trouxe à Copacabana em 2011. Enquanto flertava com o cinema, interpretando o Lex Luthor da safra de longas de Zack Snyder baseados nas HQs da DC Comics, ele cedeu seu talento à produção independente dos EUA e da Europa, filmando com Kelly Reichardt (“Movimentos Noturnos”), Joachim Trier (“Mais Forte Que Bombas”), Lorcan Finnegan (“Vivei-

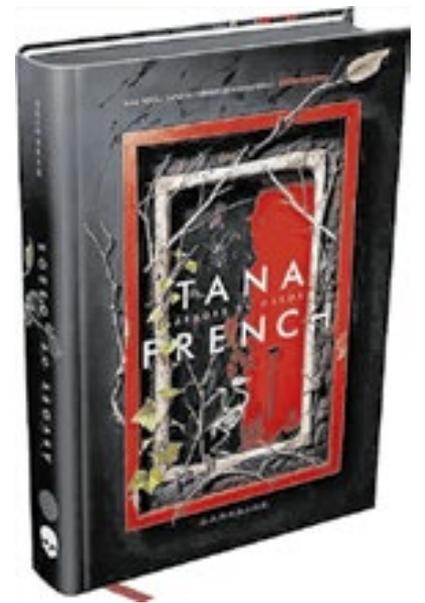
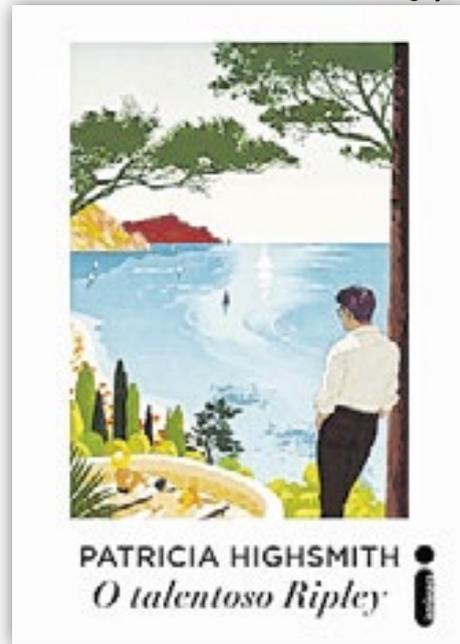
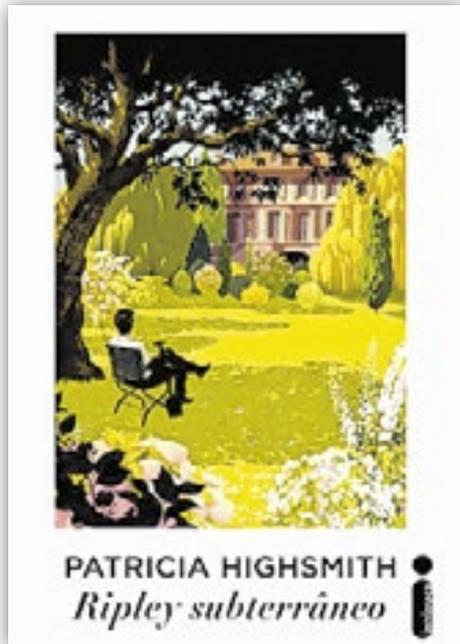
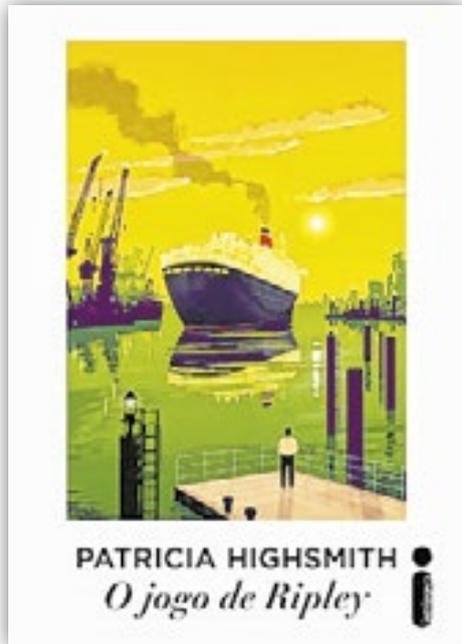
ro”) e John Trengove (“Manodrome”, uma joia, hoje na Amazon Prime). Atento a artesões autorais, emprestou seu humor tenso a Woody Allen duas vezes, em “Para Roma Com Amor” (2012) e “Café Society”, que abriu o Festival de Cannes em 2016.

Experiências assim o levaram a se arriscar como cineasta pela primeira vez em 2012, rodando “Quando Você Terminar de Salvar o Mundo”, com Julianne Moore, já atento ao ônus que existe nas conexões de parentesco. Aproveitou parte do que experimentou ali em “A Verdadeira Dor”, cuja gênese está no conto “Mongolia”, que escreveu em 2017 para a revista online “Tablet”. Na tal historietta, ele escreveu sobre dois amigos que viajam pelo mundo ajustando as diferenças. Decidiu dar uma nova chance a esse enfoque on the road, com outros personagens, discutindo a fraternidade que há entre dois parentes há muito afastados. Assim nasceu “A Verdadeira Dor”, rodado ao custo

de US\$ 3 milhões.

Seu faturamento hoje arranha US\$ 11 milhões. Seu rol de vitórias soma 46 láureas, entre elas o Prêmio Waldo Salt de Roteiro no Festival de Sundance. Amparado pelos planos estáticos (e de colorido retinto) da direção de fotografia de Michael Dymek, Eisenberg tem a chance de afinar seu ferramental cênico e fomentar em Culkin uma fúria que detona na telona, em diálogos afiados. Com enquadramentos rigorosamente lapidados (à altura dos olhos das suas personagens), ele constrói uma comédia dramática convulsiva sobre a reconexão de David e Benji conforme os dois seguem uma rota turística ligada ao Holocausto. Não parece a mais amena das propostas para um reencontro, mas existe uma urgência por trás, uma vez que o personagem de Kieran dá sinais de descontrole em sua rudeza incontinente. O que brota da convivência deles é o estudo da tolerância.

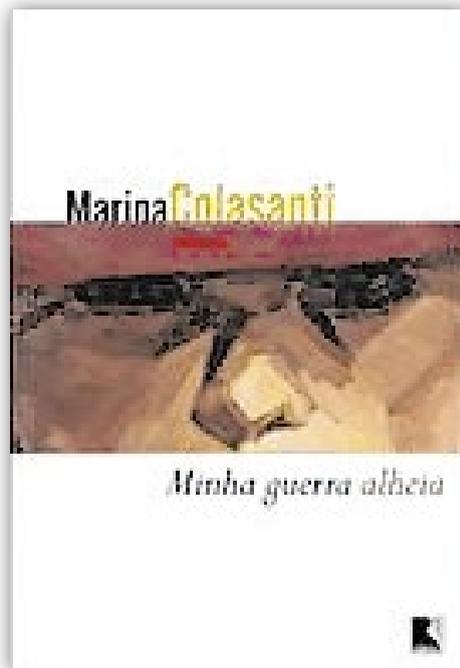
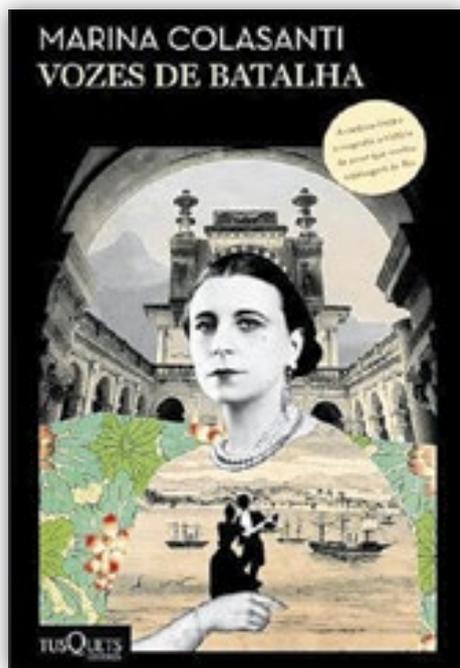
Uma temporada de frente para o crime



Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

O ano brasileiro começa bem depois de seu início oficial, em janeiro. Fica no pós-Carnaval, data flutuante que, em 2025, será no meio de março. E em pleno domingo de folia, haverá a entrega do Oscar, ao qual concorre Fernanda Torres, cuja premiação com o Globo de Ouro fez o livro “Ainda estou aqui” (Companhia das Letras, R\$ 58,80), de Marcelo Rubens Paiva, lançado em 2015, retornar às listas de mais vendidos. A trajetória de Eunice Paiva como chefe da família depois do assassinato de seu marido, o ex-deputado Rubens Paiva, nos anos 1970, já levou mais de um milhão de pessoas aos cinemas.

Embora seja difícil uma vitória de Fernanda no Oscar, o ano vai começar em pós-festa de qualquer maneira. Para estender mais ainda a temporada de férias, além da leitura da saga da família Paiva, nada como cair em um dos gêneros ficcionais mais desprezados por teóricos de literatura: os thrillers, aquelas histórias de mistério e suspense, popularmente conhecidos no Brasil como “policiais”. O desdém em relação ao policial pode ser consequências de sua imensa popularidade, que tornou a inglesa Agatha Christie a pessoa que mais livros vendeu até hoje – algo em torno de 4 bilhões de exemplares de sua obra, tradu-



zida no mundo inteiro. Além de crimes muito bem elaborados, Dame Agatha criou uma idílica e simpática Inglaterra rural, mais lúdica do que sombriamente realista, segundo estudiosos, e importantíssima para divulgar a cultura inglesa no século XX. Apesar das críticas ao escapismo romântico de suas tramas, ninguém, nem J.K. Rowling, com 650 milhões de livros vendidos, nem Paulo Coelho (350 milhões de cópias), bate o recorde de Agatha como autor mais lido no mundo.

Exceção nos thrillers são os autores da Era de Ouro – os norte-americanos Dashiell

Hammet, Raymond Chandler, James M. Cain e Patricia Highsmith, entre outros -, criadores dos detetives particulares durões em histórias sem o glamour britânico, ambientada em cenários soturnos. Exceção dentro dessa elite, Patricia Highsmith foi viver na França, onde trouxe à vida seu personagem mais famoso, o escroque Tom Ripley, vivido no cinema por Alain Delon, Dennis Hopper, Matt Damon e John Malcovich. A adaptação mais recente foi uma minissérie estrelada por Andrew Scott. As histórias de Highsmith são repletas de gente atormentada pela culpa ou

em busca de vingança – o que não abala Ripley, um sociopata pautado pela amoralidade e usurpação dos bens alheios. Em março, a Intrínseca lança três novas edições de livros protagonizados por Ripley: “O talentoso Ripley”, “O jogo de Ripley” e “Ripley subterrâneo”, cada um por R\$ 59,90.

Outra americana, Tana French, é uma herdeira digna de Patricia Highsmith. Radicou-se na Irlanda nos anos 1990, e é lá que são ambientados seus romances, que sempre abordam passados traumáticos e sombrios. A árvore de ossos (Darkside, R\$ 89,90) traz uma família amorosa, em que convivem várias gerações, acompanhando os últimos dias de vida de um genealogista. É durante uma reunião dos irmãos, seus filhos e netos que uma das crianças descobre ossos humanos no oco de uma árvore do jardim. Um dos sobrinhos do genealogista está hospedado em sua casa para ajudá-lo com cuidados paliativos. Os primos que passavam todo o verão na casa do tio se juntam para desvendar o mistério do esqueleto completo encontrado na árvore – identificado como o de um ex-colega de escola do grupo. A simplicidade fica apenas na sinopse. Tana French monta um quebra-cabeças com muitos detalhes, que prendem o leitor em cada uma das suas mais de 500 páginas.

Esta semana, perdemos Marina Colasanti, que deixou 70 livros, entre infantis, juvenis e para adultos. Do último segmento há duas preciosidades: suas memórias da infância na África e Europa e a chegada ao Brasil em “Minha guerra particular” (Record, R\$ 39,90), e “Vozes de batalha” (Tusquets, R\$ 56,90), sobre sua proximidade com tia Gabriella Besançon Lage, que abrigou Marina, o irmão e os pais, no seu palacete no Jardim Botânico, o atual Parque Lage. Incentivadora da literatura e dos escritores, Marina foi a italiana mais carioca do Brasil.

Do fogão ao copo

Confira o fenômeno dos bares cariocas criados por chefs

Por **Natasha Sobrinho**
(@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Nos últimos anos, tem se observado uma crescente tendência no Rio de Janeiro: chefs renomados, que antes estavam focados em restaurantes sofisticados, estão agora, investindo em bares. Esse novo movimento está misturando o universo da alta gastronomia com o clima descontraído dos botecos cariocas, criando um espaço de experimentação e criatividade. Essa tendência reflete o estilo descontraído do carioca aliado a uma mudança no comportamento do público, que está cada vez mais interessado em experiências gastronômicas descomplicadas, mas que não abre mão de qualidade e inovação. O chef Pedro de Artagão foi o precursor, abrindo durante a pandemia os Botecos Rainha e Princesa, no Leblon. Bruni Katz, do Nosso, está comemorando três anos do seu Chanchada, em Botafogo e Thomas Troisgros, Elia Schramm e Jimmy Ogro entraram para a turma recentemente. Confira abaixo os novos bares carioca comandados por chefs:

JURUBEBA – O chef Elia Schramm, do italiano Babbo e do asiático Si-chou, acaba de abrir um bar em Botafogo. O menu não foge da raiz e é cheio de refogados. A começar pelo Mocotó do Jurubeba (R\$ 19), feito no caldo com feijão branco, paio, farofinha e cheiro verde; tem Moelinha Ferrugem (R\$ 36), de galinha na pressão com molho ferrugem e muita salsinha; tem o Maria Bonita & Lampião (R\$ 35), coalho grelhado na chapa com melado picante e crocante de caju. Também tem homenagem: a Batata de Marechal (R\$ 31), é bem temperada e leva linguiça acebolada, alho e um ovo estalado por cima. Não ficam de fora dos petiscos outros clássicos:



O chef **Elia Schramm** com o sócio **Flávio Gomes**



Empadas do Tijolada Bar

Feijão Amigo (R\$ 11), Pão de Alho (R\$ 13), Pastelzinho de queijo com cebola caramelizada (R\$ 19 – 2 unid). Rua Real Grandeza, 196 - Botafogo. Contatos via direct instagram @jurubeba.bar

TIJOLADA – O chef Thomas Troisgros abriu em Ipanema seu primeiro bar a céu aberto com mesas e cadeiras na área exter-



O **parmegiana suino** aperitivo do **Dimmi**



O chef **Bruno Katz** brindando os três anos de **Chanchada**



Arroz de polvo do Boteco Rainha

na. No menu, o comensal pode encontrar os frangos assados na famosa “televisão de cachorro”; torresmo (R\$ 28), empanadas de carne e camarão (R\$ 16) e empadinhas de queijo, camarão ou frango com catupiry (R\$ 16). Além do homus de feijão-fradinho, servido com uma cesta de pão (R\$ 18). Rua Visconde de Pirajá, 630. Contatos via direct instagram @tijoladabar

DIMMI - Jimmy Ogro inaugura seu primeiro bar, em Botafogo. A proposta é refletir a personalidade descontraída de Jimmy, com estilo despojado, clima de sala de casa, decoração eclética - com a presença indispensável do porco - cerveja gelada e bons drinques. O cardápio apresenta uma variedade de petiscos, como o Torresmo de barriga com chutney de abacaxi picante (R\$39,90 - 4 unidades); o Pork balls, croquetes de copa lombo defumado com bechamel e cream cheese com mostarda escura (R\$39,90 - 4 unidades); a Croqueta de barbacoa, com carne bovina desfiada com bechamel e cebolas caramelizadas (R\$ 39,90 - 4 unidades); o Pastel de pulled pork com barbecue de Jim Beam (R\$ 39,90 - 4 unidades); o Pirulito de adulto, uma barriga suína enrolada, defumada e frita com chutney de abacaxi picante (R\$ 39,90 - 1 unidade); o Parmegiana suíno aperitivo, um empanado com queijo e bacon com molho de tomate artesanal (R\$ 39,90 - 1 unidade). Rua Sorocaba, 585. Contatos via direct instagram @dimmi.rio.

GRUPO IRAJÁ – O chef Pedro de Artagão foi o grande precursor dessa onda dos bares comandados por chefs. Tudo começou na pós-pandemia, com a ideia de servir comida tradicional e popular bem-feita, nos seus quatro estabelecimentos (Boteco, Galleto e Taberna Rainha e Boteco Princesa), todos no Leblon. No cardápio, comidinhas como: o arroz de polvo (R\$ 192), do Boteco Rainha e a croquete de carne (R\$ 18) ou de jamon (R\$ 26), do Taberna Rainha. Em 2024 o chef anunciou a integração do portfólio do Grupo Irajá ao grupo paulista Alfie Nino. Artagão continuará na ativa como um dos sócios minoritários e participará também da operação de parte do negócio. Rua Dias Ferreira, 247 - loja B – Leblon. Tel: (11) 3368-6863.

CHANCHADA – Comandado pelo chef Bruno Katz, do Nosso, o bar abriu em 2022, em Botafogo, e está comemorando três anos de sucesso. O menu tem várias opções de petiscos como o bolinho de bacalhau (R\$ 12 – unidade), o croquete de bochecha (R\$ 14 – unidade) e a empadinha de frango com catupiry (R\$ 17). O chef destaca algumas novidades do cardápio, como a Batatonese de Marisco com pico de galo e coentro (R\$ 39) e para compartilhar, sugestões do Chanchando Junto: Atolo no Chanchada - costela Angus (600g), 16h molho ferrugem, servida com aipim na manteiga de garrafa (R\$119). Rua Gen. Polidoro, 164B. Contatos via direct instagram @chanchadabar.

Parole, parole, parole...

Nos idos dos anos 1970 o eterno Chico Anísyo imortalizava um dos seus (milhares – desculpe a hipérbole) personagens fantásticos: Walfrido Canaveira, prefeito de uma fictícia cidade do interior, que proferia discursos-comícios absolutamente pragmáticos pela falta total de conteúdo, apresentados de forma inflamada para uma claqué ‘atônita’, que sem entender patavina do que foi dito, aplaudia-o calorosamente. Eram sempre findados pelo ‘histórico’ bordão: “Palavras são palavras, nada mais que palavras”.

Na mesma época fazia sucesso na TV brasileira O Bem-Amado, protagonizada pelo inesquecível ator Paulo Gracindo no papel do lendário Odorico Paraguaçu, prefeito de uma fictícia Sucupira, personagem da obra-prima de Dias Gomes, escrita nos anos 1960, Odorico, o Bem-Amado ou Os Mistérios do Amor e da Morte, e a saga para inaugurar o cemitério da cidade.

Pois bem; “Vamos deixar de lado os entretantos e partir logo para os finalmentes... deixemos os paratrasmente e vamos para os prafretementes”, vamos deixar de coisa e cuidar da vida porque é hora do almoço.

Se já não bastassem os anglicismos e invenções que assolam nossas terras em seus ‘calls’, ‘meetings’, ‘mainstream’ e ‘monetizar’, ainda temos que lidar com as ‘expressões da moda’, uma chatice absolutamente irritante. Depois da famosa ‘a nível de’ e a famigerada ‘enquanto pessoa’, agora temos ‘reinventar’, quem sabe a pólvora ou a roda e ‘aleatório’, que serve para dizer qualquer coisa não dizendo absolutamente nada. É um tal de aleatório em programas de TV, em rodas de conversa, em círculos de moda, em resenhas literárias... um ranço só.

Lanço aqui um desafio para uma palavra aleatória bem mais bonita, aliás para o lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda a mais linda da Língua Portuguesa: ‘libélula’. Vamos ‘libelar’ (sem acusar) por aí, vamos transformar todas as mazelas humanas em libélulas, pode até não fazer muito sentido (como nenhuma ‘modinha linguística’ faz), mas é muito mais linda do que qualquer outra.

Viva Chico Anísyo, viva Dias gomes que profetizaram uma ‘nova’ língua há 55 anos de forma cômica e jocosa.

As fotos ao lado são absolutamente aleatórias porque imagens são imagens, nada mais que mil palavras não ditas.



Salvador-África-Brasil

Grupo Ofá encerra turnê em Brasília com show e oficinas gratuitas no CCBB

Por Mayariane Castro

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) Brasília recebe, nos dias 18 e 19 de fevereiro, a edição de encerramento da turnê nacional “Obatalá: uma conexão Salvador-África-Brasil”. O projeto, que visa celebrar a riqueza da cultura afrodiáspórica, inclui um show do Grupo Ofá e duas oficinas: uma de ritmos afro e outra de dança afro. O evento é gratuito, com entrada mediante retirada de ingressos para o show e inscrição antecipada para as oficinas.

A apresentação se destacará pela utilização de orikis, uma forma poética nagô-iorubá, e pela invocação ancestral dos atabaques, instrumentos sagrados no candomblé. Participa também do espetáculo a cantora Irma Ferreira.



Divulgação

Vencedor do Grammy Latino, o grupo Ofá reforça a ancestralidade afro

Do Gantois, conexão para o mundo

Oficinas ensinarão música e dança tradicionais do candomblé

A Oficina de Dança Afro será conduzida por Luciana Baraúna, bailarina e coreógrafa. A oficina baseia-se nos movimentos das mulheres negras do candomblé da Bahia e utiliza a música ao vivo, com os atabaques Hun, Hunpí, Lé e Agogô, para criar uma sincronia entre os dançarinos e os instrumentos.

A prática incorpora exercícios de fortalecimento e alongamento físico, promovendo a consciência corporal dentro dos

princípios da dança de matriz africana.

Grammy

O Grupo Ofá é conhecido por seu trabalho na preservação da música de candomblé. Em 2020, a banda recebeu uma indicação ao Grammy Latino pelo álbum Obatalá - Homenagem a Mãe Carmem. O disco, que mistura cânticos sagrados com participações de grandes nomes da música brasileira, como Alcione,



Divulgação

O Ofá une a música do candomblé a outros artistas

Carlinhos Brown e Gal Costa, busca honrar as raízes da identidade afro-brasileira. O grupo também lançou o álbum Odum Orim em 2000, celebrando a festa da música do candomblé.

Mãe Menininha

O Grupo Ofá, fundado em Salvador, é composto por integrantes do Terreiro do Gantois,

uma das casas mais tradicionais de religião de matriz africana no Brasil, que teve como líder a famosa Mãe Menininha, cantada em música e versos por Dorival Caymmi.

Com 20 anos de história, o grupo mistura elementos da música afro-brasileira com arranjos contemporâneos, realizando uma fusão entre percussão, baixo, guitarra, piano e canto. O show contará com

O diretor musical do Grupo, Iuri Passos, explica que, além de manter as tradições, o grupo também explora a música negra popular, expandindo as possibilidades de sua sonoridade. “Nosso encontro com Irma Ferreira vai além da técnica, é uma questão de irmandade”, comenta Passos sobre a parceria com a cantora.

Além do show, o público poderá participar de duas oficinas. No dia 18 de fevereiro, a Oficina de Ritmos Afro será coordenada por Iuri Passos. Nela, os participantes terão a oportunidade de aprender a tocar os ritmos tradicionais do candomblé, como Daró, Agèrè, Vasi, Alujá e Ijexá, nos atabaques. O objetivo é resgatar e disseminar as culturas de ritmos ancestrais, com a opção de trazer instrumentos próprios.

repertório que inclui cânticos sagrados aos orixás, além de músicas de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Zeca Pagodinho.

Vem

Além da programação cultural, o CCBB Brasília oferece o programa “Vem pro CCBB”, que disponibiliza uma van gratuita para o transporte do público até o centro cultural. O serviço parte da Biblioteca Nacional, bem próximo da Rodoviária, e está disponível durante os horários de funcionamento do CCBB.

Para utilizar a van, é necessário retirar o ingresso antecipadamente, sendo que a van está sujeita à lotação.

A programação do evento é uma oportunidade para o público de Brasília se aprofundar na rica herança cultural de origem africana no Brasil, além de vivenciar atividades práticas que envolvem música e dança de matrizes ancestrais.

PROJETO**Favela Talks 2025**

*Apresentada pela Claro, a conferência Favela Talks realiza sua quarta edição entre 10 e 14 de fevereiro. A programação inteiramente gratuita ocupa o Centro Cultural Sesi Taguatinga (10 a 14/02), a Biroasca do Conic (13/02) e a Praça do Cidadão da Ceilândia (14/02). Em Taguatinga, entre manhãs e tardes, são realizadas quatro oficinas, oito debates, rodadas de negócios e LAB de Mentorias, todos com inscrições abertas até 4 de fevereiro através de links disponíveis nas redes sociais do projeto. Nas noites do Favela Talks, de 12 a 14/02, apresentam-se nove showcases com artistas das periferias do DF selecionados por inscrição, em programação sempre encerrada por atrações nacionais, com Chico César no Teatro Sesi Yara Amaral (12/02), MC Luanna na Biroasca do Conic (13/02), e Ebony na Praça do Cidadão da Ceilândia (14/02), em parceria com o projeto Jovem de Expressão.

 *Ebony participa do Favela Talks 2025***SHOW****Liniker em nova data**

*Liniker repete o feito da maioria de seus shows de CAJU e dá sold out na data de lançamento de sua apresentação em Brasília em apenas três horas, no dia 5 de abril. Agora, a artista anuncia um segundo show na Arena Lounge BRB, dia 6 de abril. A abertura de vendas está marcada para 3 de fevereiro, às 12h (com início de fila virtual às 10h), no site da Bilheteria Digital.

Benzadeus e Mistura 61

*O Complexo Fora do Eixo, no SAAN, preparou uma agenda repleta de música. Com uma programação para todos os gostos, o espaço aposta em apresentações de funk, pagode, hip hop e outros ritmos, reunindo grandes nomes da cena local e nacional, além de promover uma experiência única para o público. Valores: a partir de R\$ 30 + taxas (valor sujeito a alteração sem aviso prévio) / Classificação: 18 anos.

Canto das Pretas

*No próximo dia 1º de fevereiro, a Capela Imperial comemora seus 49 anos de história com uma grande festa repleta de atrações especiais. O evento será realizado a partir das 15h30, no estacionamento da CNJ 1, em Taguatinga, e

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação

*Liniker anuncia nova data em Brasília*

promete ser um marco para os amantes do samba e da cultura carnavalesca. A celebração contará com apresentações marcantes que vão animar o público. Entre as atrações confirmadas estão o Canto das Pretas e o Samba do Camelo, grupos que trarão muita música e energia para o evento.

TEATRO**Um Jardim para Tchekhov**

*Protagonizada por Maria Padilha em texto original de Pedro Bricio e direção de Georgette Fadel, Um Jardim para Tchekhov discute os tempos de intolerância vividos no país. Integram o elenco Leonardo Medeiros, Erom Cordeiro, Olivia Torres e Iohanna Carvalho. Transitando entre a comédia, o lirismo e o

Renato Mangolin



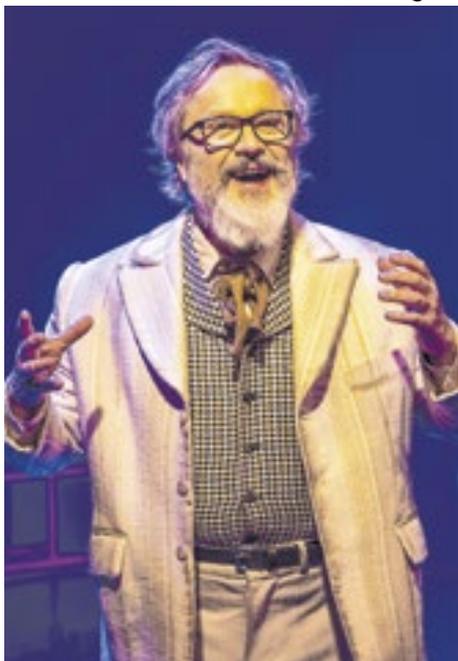
Orquestra Petrobras Sinfônica realiza concertos

Divulgação



Sessão de pintura ao vivo

Renato Mogolin



Um Jardim para Tchehov

drama, a peça narra a história de uma consagrada atriz de teatro, Alma Duran, vivida por Maria Padilha. Com sessões cheias desde a estreia, a peça faz suas últimas apresentações neste final de semana, de quinta a domingo, no Teatro do CCBB. E no dia 1º/2, sábado, a partir das 17h, o elenco debate, com o público, o processo de criação das personagens para o espetáculo.

Nebulosa de Baco

✦ Novo espetáculo da premiada Cia. Stavis-Damaceno, "Nebulosa de Baco", com dramaturgia e direção de Marcos Damaceno, e atuação de Rosana Stavis e Helena de Jorge Portela, faz temporada de 5 de fevereiro a 2 de março de 2025, no Centro Cultural Banco do Brasil Brasília. O espetáculo, que se alterna

entre o drama e a comédia, apresenta o difícil processo de duas atrizes ao interpretarem os papéis conturbados de uma filha e o seu pai; e navega sobre o conceito do que é verdade e o que é inventado, ou até onde conseguimos chegar à verdade. A peça acontece de quinta a sábado, às 20h, e domingo, às 18h. Exceção para os dias 8 e 9 de fevereiro, quando as sessões são às 17h30, e no dia 15, quando não haverá sessão.

CONCERTO

Na Trilha do Rock

✦ No ano em que celebra 50 anos, a Orquestra Petrobras Sinfônica pega a estrada e chega à Brasília no dia 9 de fevereiro para duas apresentações de concertos pop no Auditório Planalto.

Divulgação



"Nebulosa de Baco", espetáculo inédito

Divulgação



Exposição fotográfica une arte e acessibilidade

Sob a batuta do maestro Felipe Prazeres, a turnê tem a missão de democratizar o acesso à música de concerto em diferentes formatos por todo o Brasil. O "Concerto Multiplayer" ocorre às 16h e tem como repertório a trilha sonora de grandes games, desde jogos clássicos até mais atuais. Já o concerto 'Na Trilha do Rock' acontece às 19h e traz clássicos do Rock e do Pop Nacional com uma roupagem sinfônica. Ingressos a partir de R\$40,00 / Classificação: Livre.

EXPOSIÇÃO

Arte e acessibilidade

✦ Brasília recebe, de 13 de fevereiro a 13 de março, a exposição Além da Ataxia, no Espaço Cultural Renato Russo. Com autorretratos impactantes e intervenções urbanas que ocupam as ruas, o projeto, idealizado pela fotógrafa Pollyana Silveira, lança um olhar profundo sobre a acessibilidade e o combate ao capacitismo, convidando o público a refletir sobre inclusão e mobilidade. Além da Ataxia apresenta os autorretratos de Pollyana Silveira, diagnosticada com Ataxia de Friedreich, uma doença neurodegenerativa que compromete a mobilidade. Suas fotografias capturam não apenas sua vivência com a deficiência, mas também a força e a beleza de corpos que desafiam padrões e barreiras sociais.

Pintura ao vivo

✦ A mostra Asas do Brasil, da artista plástica Jaqueline Marafon, em cartaz no Boulevard Shopping Brasília, receberá uma sessão de pintura ao vivo, hoje (31), a partir das 19h. O público poderá presenciar o processo de criação da artista, permitindo uma experiência interativa e única para os visitantes.

Festival de Lanternas Coreanas

✦ Sucesso de público no Rio de Janeiro e em São Paulo, com mais de 100 mil visitantes em cada estado, a exposição imersiva "Luzes da Coreia - Festival de Lanternas Coreanas" chega a Brasília este mês. Depois de bater o recorde de público do MAC - Museu de Arte Contemporânea de Niterói desde a inauguração do espaço projetado por Oscar Niemeyer em 1996, a mostra ocupará o primeiro piso do Shopping Pátio Brasil, convidando o público para um mergulho na milenar cultura coreana. Os ingressos são a partir de R\$8,00.

Emoção nas nuvens

Livro infanto-juvenil de Elisa Mattos traz reflexões a partir de um voo entre Rio e Brasília

Divulgação

Por Mayariane Castro

No próximo dia 1º de fevereiro, a jornalista e escritora Elisa Mattos lança seu primeiro livro infanto-juvenil, “Estela Nas Nuvens”. O evento acontecerá na livraria Paradeiro, localizada na 309 Norte, em Brasília, das 16h às 19h.

A obra conta a história de uma menina que, durante um voo entre Brasília e Rio de Janeiro, faz uma viagem por seu universo infantil, refletindo sobre sua rotina e suas emoções enquanto atravessa as nuvens.

Além da autora, o livro conta com a colaboração da artista e escritora Adelaide Paula, responsável pelas ilustrações do livro.

A criação visual da obra traz elementos que complementam a narrativa e ajudam a criar a at-

mosfera que Elisa Mattos deseja transmitir aos leitores. A edição do livro é da Revista África e Africanidades, do Rio de Janeiro, e foi elaborada com um enfoque na valorização da cultura e da literatura afro-brasileira.

Viagem à infância

Em sua primeira obra infanto-juvenil, Elisa Mattos compartilha uma história que não só remete à sua própria infância, mas também oferece uma reflexão sobre o impacto da ancestralidade na formação do indivíduo e na construção de sua identidade. O livro, que mistura elementos da natureza com memórias afetivas, é uma viagem pela infância, pelas emoções e pela busca de um sentido maior para a vida, temas universais que tocam todas as idades.



É o primeiro livro infanto-juvenil da jornalista Elisa Mattos

Vivências, seja na terra como no céu

Reflexões vão desde as nuvens até a goiabeira no quintal

A protagonista do livro, Estela, narra sua experiência de voo e, ao mesmo tempo, compartilha suas vivências diárias em terra firme. A menina descreve suas interações com os familiares, suas percepções sobre a vida e os momentos de introspecção em que busca compreender sua ancestralidade e o significado de sua existência.

O livro é permeado por elementos da natureza, como as espumas do mar, o sol quente do

Cerrado e a goiabeira no quintal da casa, que tem papel de destaque na narrativa.

A autora revela que a personagem Estela é, de certa forma, uma representação de sua própria infância. Elisa Mattos considera a menina como seu alter ego e conta que diversos elementos do livro têm origem em suas experiências de vida na Vila Planalto, uma área ocupada por trabalhadores que ajudaram a construir a nova capital do Brasil.



Divulgação

O livro tem também ilustrações de Adelaide Paula

“Passei parte da minha infância em uma área de Brasília ocupada por moradores que ergueram a Nova Capital. Uma grande vila dividida em acampamentos. Nossa casa era pequena, mas confortável o suficiente para que eu me sentisse feliz. Nos fundos, havia um quintal encantador, e no centro desse espaço, havia uma goiabeira. Ela era o

meu brinquedo mais querido, minha amiga fiel”, explica Elisa.

Para Elisa, a história de Estela é uma forma de revisitar suas próprias lembranças e de refletir sobre o impacto de suas origens na sua formação pessoal. A goiabeira, presente tanto em sua infância quanto no enredo do livro, é um símbolo da conexão com a natureza e com suas raízes.

A autora, que atuou por 40 anos no jornalismo, sendo a maior parte de sua carreira na TV Globo Brasília, passou a se dedicar à literatura após sua aposentadoria. Durante sua trajetória jornalística, Elisa Mattos foi editora por 23 anos. Após deixar a TV Globo, Elisa mergulhou no universo literário e escreveu o livro de poesia “Meu Reverso”, que foi finalista do Prêmio Maria Firmina dos Reis. Ela também é coautora de 15 coletâneas literárias, incluindo “Cadernos Negros 45”, uma publicação importante no cenário literário brasileiro. Elisa também ocupa a função de conselheira do Núcleo de Escritoras Pretas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

O lançamento do livro é um marco importante para Elisa Mattos, que expande sua produção literária para o público infanto-juvenil.

A entrada será gratuita e o público poderá adquirir exemplares autografados.

Favela Talks 2025 apresenta Ebony e MC Luanna no DF

PÁGINAS 8 E 9



Viagem nas nuvens em livro infanto-juvenil

PÁGINA 15



Conexão África-Brasil pelo grupo Ofá

PÁGINA 5



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Leo Aversa/Divulgação

Áurea Martins, André Gabeh e Vidal Assis resgatam em show legado do histórico 'Gente da Antiga', álbum lançado por Clementina de Jesus, Pixinguinha e João da Baiana em 1968

Por Affonso Nunes

Áurea Martins, André Gabeh e Vidal Assis apresentam neste sábado (1) "Gente Nova da Antiga", espetáculo inspirado no disco histórico "Gente da Antiga" (1968), de Clementina, Pixinguinha e João da Baiana. Com arranjos camerísticos e inéditos que ressaltam a beleza e atemporalidade das músicas de caráter afro-brasileiro que compõem o repertório do disco, o show homenageia o trio que, em suas respectivas carreiras, foi responsável por recuperar a memória da conexão africana na música popular.

À época da gravação, Clementina tinha 65 anos, Pixinguinha 70 e João da Baiana 82, todos em pleno vigor criativo. O trio transitava com muita naturalidade entre a juventude de seu tempo e foram responsáveis pela transmissão de sua ancestralidade às gerações mais novas. "Gente Nova da Antiga" habita este lugar de afeto no encontro de uma das últimas matriarcas da música negra em atividade, Áurea Martins, de 82 anos, com dois dos melhores cantores negros da nova geração, Vidal Assis e André Gabeh.

"Eu tenho especial amor e respeito por essa arte assim pensada, que o tempo tratou de cristalizar. Acho que a velhice não apaga o essencial; pelo contrário, dá a coloratura exata e até dimensiona o verdadeiro artista", sintetiza Hermínio Bello de Carvalho, produtor



Vidal Assis, Áurea Martins e André Gabeh revivem o clima de um dos álbuns de samba mais festejados da MPB

ESSA GENTE (NOVA) DA ANTIGA

musical do disco.

No repertório, as faixas "Yaô" (Pixinguinha e Gastão Viana), "Roxá" (domínio público), "Mironga de Moça Branca" (domínio público), "Batuque na Cozinha" (João da Baiana), "Que Querê" (João da Baiana, Donga e Pixinguinha) e "Fala Baixinho" (Pi-

xinguinha e Hermínio Bello de Carvalho) se unem a canções que não estão no disco, mas que se conectam a elas, como "São Pixinguinha" (Emicida), "Coisa da Antiga" (Nei Lopes e Wilson Moreira), "Moro na Roça" (José Passos e Arnaldo Passos), "Ilú Ayê" (Norival Reis e Cabana), tecendo pontes entre ances-

tralidade e contemporaneidade. Dirigido por Renata Grecco, o show tem banda formada pelos músicos Marcos Suzano (percussão e pandeiro), Mário Séve (sax e flautas) e Lui Coimbra (violoncelo, violão e rabeça) - este também diretor musical e arranjador.

Continua na página seguinte